

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

Por que os *cohanim* e levitas trabalhavam no *Bet Hamicdash*?

Na *Parashá* anterior, Moshê disse a *Benê Yisrael* que eles eram a nação santificada para *Hashem*. Por isso, deveriam respeitar muitas leis que os não-judeus não precisam cumprir.

Moshê continuou dizendo: "Uma tribo entre vós é mais santa que as outras: a tribo de Levi. E dentro da tribo de Levi, os *cohanim* são ainda mais santos que os demais levitas. Apenas os *cohanim* podem executar a *avodá* (serviço) dos *corbanot* (sacrifícios). Os levitas farão as demais tarefas do *Bet Hamicdash*.

Por que *Hashem* elegeu a tribo de Levi para servi-Lo no *Bet Hamicdash*?

A resposta é que esta tribo foi leal a *Hashem*, mesmo em tempos difíceis e perigosos.

Apesar de a maioria dos membros de *Benê Yisrael* adorar ídolos no Egito, os levitas nunca o fizeram! A maioria de *Benê Yisrael* deixou de fazer *berit milá* (circuncisão) em seus filhos recém-nascidos quando o Faraó o proibiu. Em contrapartida, os levitas continuaram a fazê-lo, apesar de ser perigoso.

Também no deserto os levitas se destacaram como *tsadikim*. Quando Aharon perguntou "Quem doará ouro para fazer uma imagem?", a maioria dos homens doou. Porém nem um homem da tribo de Levi doou ouro, nem se inclinou perante o bezerro.

Por isso, *Hashem* disse: "Elegerei esta tribo de *tsadikim* para realizar Minha *avodá* no *Mishcan* e no *Bet Hamicdash*."

Como os *cohanim* são o grupo mais sagrado da tribo de Levi, devem observar leis especiais.

Um *cohen* não deve tocar num corpo morto

Moshê ordenou aos *cohanim*: "Não podereis tocar nem carregar o corpo de um morto. Não podereis sequer permanecer sob um teto onde haja um corpo, e não podereis entrar num cemitério nem assistir ao enterro de outro judeu; não vos será permitido caminhar sobre um túmulo, nem tocá-lo."

"Porém, é uma *mitsvá* enterrar vossos sete parentes mais próximos, mesmo que isto os torne impuros."

Os sete parentes mais próximos de um homem são:

1. Sua esposa
2. Sua mãe
3. Seu pai
4. Seu filho
5. Sua filha
6. Seu irmão
7. Sua irmã solteira (se a irmã do *cohen* for casada, este não pode enterrá-la)

Atualmente, essas leis especiais ainda se aplicam aos *cohanim*, devendo ser observadas por homens e meninas, porém não por mulheres e meninas.

Ao ingressar no serviço ao rei, o cozinheiro chefe foi avisado: "Você é responsável pela preparação de todas as refeições levadas à mesa real. O rei está acostumado às mais refinadas iguarias, preparadas da maneira mais atraente. Se alguma vez você tocar num corpo sem vida ao fazer compras no mercado, ficará impregnado de odor. O cheiro será percebido no palácio, e o paladar sensível do rei o detectará até mesmo na comida. Portanto, tome cuidado para nunca entrar em contato com um corpo sem vida!"

Similarmente, os *cohanim* que oferecem os sacrifícios no *Bet Hamicdash* devem ser puros, sem impurezas que se impregnam em seus corpos.

Um *Cohen Gadol* (Sumo Sacerdote) é ainda mais sagrado que um *cohen* comum. Ele não pode sequer enterrar seus sete parentes mais próximos. Existe uma única pessoa cujo enterro é uma *mitsvá* para ele: um *met mitsvá*. No trecho seguinte, mais detalhes sobre isto.

Até um *Cohen Gadol* deve sepultar um *met mitsvá* (um corpo judeu abandonado)

Se um *Cohen Gadol* ou *cohen* estiver andando por um caminho deserto e deparar-se com um judeu morto, deve proclamar: "Encontrei um judeu que necessita de sepultura! Por favor, se há alguém me ouvindo, que venha e o enterre!"

Se alguém escutar seu chamado, o *cohen* não deve sepultar o corpo. Contudo, se ninguém o escuta, o *cohen* deve enterrar este judeu morto. Esta é uma *mitsvá* importante: ocupar-se de um *met mitsvá*, um corpo abandonado de um judeu.

Um *cohen* que sepultar um *met mitsvá* ou um de seus parentes torna-se impuro. Na época do Templo, não lhe era permitido voltar ao *Bet Hamicdash* ou realizar a *avodá* até ser purificado com água misturada às cinzas da vaca vermelha.

Matrimônios proibidos a um *cohen*

A *Torá* proíbe um *cohen* de casar-se com uma dessas mulheres: (Estas leis também vigoram atualmente)

- ✓ *Chalalá*: a filha de um *cohen* ou *Cohen Gadol* nascida de uma união que lhe é proibida; por exemplo, uma moça nascida do casamento entre um *cohen* e uma divorciada
- ✓ *Zoná*: uma mulher que teve relações proibidas
- ✓ *Guiyoret*: uma convertida. O *cohen* só pode casar-se com uma moça judia de nascimento
- ✓ *Guerushá*: uma mulher divorciada

Um *Cohen Gadol* tem mais restrições ao escolher uma esposa que um *cohen* comum, por causa de sua santidade superior. Enquanto um não *cohen* pode casar-se com uma *zoná*, *chalalá* ou divorciada, ele não pode tomar como esposa nem uma viúva. (Uma viúva está acostumada com os hábitos de seu primeiro marido, sendo-lhe mais difícil adaptar-se à nova posição de esposa do *Cohen Gadol*.)

Ele deve desposar uma moça que nunca teve relações com outro homem.

Se um *cohen* contrai matrimônio com uma mulher que lhe é proibida, e esta dá à luz um filho, este filho é chamado de *chalal*. Ele não é considerado *cohen*, nem pode realizar a *avodá*.

Devemos honrar um *cohen*

A *Torá* nos comanda a dar prioridade a um *cohen* em todos os assuntos comunitários. Por exemplo:

- ✓ Num banquete ou refeição, o *cohen* deve ser servido primeiro.
- ✓ Ao lavarem as mãos para a refeição em grupos pequenos, o *cohen* deve ser o primeiro.
- ✓ Concedem-lhe a honra de recitar a bênção sobre o pão.
- ✓ Tem o direito de ser o primeiro a ser escolhido para liderar o *zimun* (a introdução à Bênção após as Refeições, se três ou mais adultos comem uma refeição juntos).
- ✓ É o primeiro a ser chamado à *Torá*, seguido de um *levi* e por último um *yisrael*.

Ao distinguirmos o *cohen*, devotamos honra ao Todo Poderoso, que o escolheu como Seu servo.

Os alunos de *Rabi Pereda* perguntaram: "Por qual mérito o senhor vive até idade tão avançada?" (*Rabi Pereda* viveu quatrocentos anos.)

Respondeu: "Durante toda minha vida fui especialmente cuidadoso com três coisas:

1. Ninguém jamais chegou à Casa de Estudos mais cedo que eu.
2. Jamais recitei a bênção sobre o pão (*hamôtsi*) se houvesse um *cohen* presente. Pelo contrário, concedia-lhe honra de tal *mitsvá*.
3. Jamais comi carne de um animal sem ter previamente separado as partes que são presentes de um *cohen*; ou seja, os ombros, mandíbulas e estômago.

Um *cohen* deve possuir cinco características para servir como Sumo Sacerdote

Todos os *cohanim* são santos, mas o *Cohen Gadol* é "Santo dos Santos". Fora consagrado pelo *San'hedrin* (a mais alta corte de justiça) de setenta e um membros. Ao ingressar para o serviço, era ungido com o sagrado *shêmen hamishchá* (óleo da unção e consagração utilizado no Primeiro Templo), e portava os oito trajes do Sumo Sacerdote.

Quais os atributos que um *cohen* deve possuir para ser eleito como Sumo Sacerdote? São cinco qualificações:

1. Sabedoria: Este é um pré-requisito.
O *Cohen Gadol* realizava o serviço Divino como representante da nação inteira. A qualidade mais importante de todas era sua grandeza em *Torá*.
2. Aparência agradável: Apesar da beleza externa não ser uma qualidade intrínseca importante, é apropriado ao Sumo Sacerdote possuir boa aparência, em honra a *Hashem* e ao *Bet Hamicdash*. (Da mesma forma, ao escolhermos um objeto para *mitsvá*, é de bom tom escolhermos o mais bonito.)
3. Força física: É uma vantagem para o serviço do *Cohen Gadol* se ele for forte. Para citar apenas um exemplo, deve realizar o extenuante serviço de *Yom Kipur* em jejum.
4. Riqueza: O *Cohen Gadol* deve ter posição financeira melhor que os outros *cohanim*.
5. Idade: É preferível que possua a dignidade e experiência que advém com a maturidade. Na prática, contudo, o tribunal escolhia o *Cohen Gadol* independentemente da idade, contanto que possua as outras qualificações. Se o filho de um *Cohen Gadol* está apto a tomar seu lugar, tem precedência sobre os outros *cohanim*, mesmo se for jovem.

Um rei judeu também precisa ter os mesmo cinco atributos.

O que acontece, no entanto, se determinado *cohen* é mais elegível que qualquer outro para *Cohen Gadol*, ou um judeu para ser rei, mas faltam-lhes riqueza ou aparência?

Se há riquezas que lhe faltam, seus colegas *cohanim* têm obrigação de supri-lo. Pinechás, o entalhador, foi eleito *Cohen Gadol*. Os *cohanim* saíram ao seu encontro, e o viram talhando pedras num veio. Encheram o veio até o topo com moedas de ouro, cumprindo assim a obrigação de enriquecê-lo. Se um *Cohen Gadol* ou rei não tiver boa aparência ou força, um admirável milagre ocorre. Nossos Sábios contam que enquanto está sendo ungido com o *shêmen hamishchá*, sua aparência externa se modifica miraculosamente, fazendo com que cresça se for baixo, e fique forte se for fraco.

Fatores que impedem o *cohen* de realizar o serviço Divino

1. Um *cohen* com algum defeito físico não pode realizar a *avodá* do *Bet Hamicdash*.

Um defeito físico pode ser de nascimento; por exemplo, cegueira (mesmo de um olho); ou um defeito temporário, como por exemplo um ferimento. O *cohen* retoma sua *avodá* somente quando curado. Nossos Sábios enumeram cento e quarenta imperfeições que desqualificam o *cohen* de realizar a *avodá*.

O *Zôhar* ensina que os *cohanim* refletem as Hostes Celestiais, que são perfeitas. Assim sendo, tanto os *cohanim* quanto os sacrifícios precisam estar em estado de perfeição para o serviço Divino.

Um *cohen* que não pode oferecer sacrifícios por causa de uma imperfeição recebe outras tarefas no *Bet Hamicdash*, como examinar a madeira para o Altar, a fim de certificar-se que não tem vermes. Apesar de não realizar o serviço, lhe é permitido comer dos sacrifícios.

2. Um *cohen* também pode ser desqualificado para o serviço por causa de um defeito em sua linhagem, ou seja, um de seus ancestrais contraiu matrimônio proibido a um *cohen*.

3. Um *cohen* fica temporariamente excluído do serviço se tornar-se impuro, por exemplo, por ter tocado um corpo sem vida ou a carcaça de um animal. Enquanto permanecer impuro, não pode comer dos sacrifícios e da *terumá*, sua porção da produção agrícola.

Quem pode comer *terumá*

Um agricultor judeu que colhe seus cereais deve entregar uma parte ao *cohen*. Esta porção recebe o nome de *terumá*. Uma vez que a *terumá* é sagrada, existem leis especiais determinando quem pode comê-la.

Qualquer *cohen* e sua família podem comer a *terumá*, se estiverem puros. Se estiverem impuros, porém, devem esperar até estarem puros novamente. Um judeu que não é *cohen* não pode comer *terumá*.

Apenas animais perfeitos podem ser oferecidos como sacrifícios

Hashem ordenou: "Se um animal tem um *mum* (defeito) em seu corpo, não pode ser oferecido como *corban*."

Qual o significado desta *mitsvá*?

Se alguém compra um livro para si e descobre que há uma pequena mancha que o macule, talvez não se importe muito. Porém, se planeja presentear este livro a alguém, pensará: "Não fica bem dar de presente um livro manchado. Seria melhor voltar à livraria e trocá-lo por um exemplar impecável."

Quando oferecemos um *corban*, estamos dando um presente a *Hashem*. Assim como não queríamos dar um presente imperfeito a alguém, não seria apropriado oferecer um animal com defeito a *Hashem*.

Existem mais de cinqüenta defeitos que tornam um animal proibido como *corban*. Por exemplo, o animal não pode ser cego, nem mesmo de um só olho; não pode ser coxo; não pode ter o rabo muito curto, não pode ter um corte na língua ou na boca, e não pode tremer por causa da idade ou de doenças. Se alguém levasse um animal com defeito ao *Bet Hamicdash*, o *cohen* proibiria que fosse oferecido sobre o Altar.

Os animais escolhidos como *corbanot* não somente não tinham defeitos, mas eram os mais belos de que se dispunham. Tudo o que se utilizava sobre o Altar era o melhor que havia. Por exemplo, para as oferendas de vinho, este era trazido de um local especial de *Êrets Yisrael*, famoso pelo seu excelente vinho. E para as oferendas de farinha (*minchá*) jamais se utilizava azeite com cheiro forte ou de procedência duvidosa. Pelo contrário, o azeite era trazido de um local especial, famoso por seu azeite de oliva de ótima qualidade. A farinha para estas oferendas também era da melhor que havia.

Vemos, portanto, que quando se trata de servir a *Hashem*, devemos utilizar somente os melhores objetos disponíveis.

Atualmente, não temos o *Bet Hamicdash* e não podemos levar animais especiais como *corbanot* sobre o Altar. Podemos, todavia, honrar *Hashem* utilizando os objetos mais finos para realizar *mitsvot*. Comprar um par de *tefilin* ou uma *mezuzá casher* é caro. Muitas outras *mitsvot* custam dinheiro. Cumprir *mitsvot* com objetos que são ao mesmo tempo belos e *casher* pode ser oneroso, mesmo assim, honramos *Hashem* quando damos preferência a estes objetos.

A regra é: "Podemos ser comedidos quando se trata de gastar conosco, porém devemos ser generosos quando gastamos para *Hashem*."

Uma história sobre um sacrifício defeituoso

Um dos pecados que causou a destruição do Segundo Templo foi o ódio infundado. Ilustra-se isto com a história de um judeu chamado Bar Camtsa, cujo servo de um homem rico convidou-o por engano para a festa de seu amo. De fato, o servo fora incumbido de convidar outra pessoa com nome parecido: Camtsa.

Quando Bar Camtsa, ao invés de Camtsa, apareceu para o banquete, o anfitrião ficou furioso, pois odiava Bar Camtsa. "Saia daqui imediatamente!" ordenou.

Bar Camtsa, envergonhado por ter sido expulso na frente de todos os convidados, pediu para ficar. Porém o anfitrião insistiu em sua partida. Bar Camtsa então quis pagar o que comesse, mas em vão. Continuou, oferecendo arcar com metade das despesas do banquete; e finalmente com a festa toda. Não obstante, o anfitrião não queria o inimigo em sua casa. Bar Camtsa saiu envergonhado e humilhado, jurando vingança não apenas contra o rico anfitrião, mas também contra toda a coletividade judaica; uma vez que culpava os sábios que estavam no banquete por terem assistido sua humilhação e expulsão em silêncio.

Começou a freqüentar círculos romanos, e espalhar rumores de que os judeus estariam tramando uma revolta contra o imperador. Isto chegou aos ouvidos do imperador, e perguntou a Bar Camtsa: "Que provas posso ter de que você está falando a verdade?"

"Sua Majestade pode comprovar por si o quão baixo está na estima dos judeus enviando um sacrifício ao seu Templo. Certamente não o oferecerão!" predisse Bar Camtsa.

O imperador enviou um bezerro saudável, de primeira classe, para ser ofertado sobre o Altar. Contudo, Bar Camtsa infligiu-lhe um pequeno ferimento, uma incisão no lábio superior (indicação de que a geração pecou através de ódio e *lashon hará*). Esta pequena incisão jamais seria considerada um defeito pelos padrões comuns. Contudo, de acordo com a *Torá*, desqualifica o animal para o sacrifício.

Os Sábios estavam cientes da armadilha, e tendiam a permitir a oferenda do animal, apesar do defeito, a fim de impedir uma provável guerra. Todavia, um idoso e venerado sábio, *Rabi Zecharyá ben Akilas*, objetou à oferenda de um animal imperfeito. Conseqüentemente, os judeus não aceitaram o bezerro como sacrifício, e o imperador decidiu travar guerra contra *Yerushaláyim*.

A proibição de abater um animal mãe e seu filhote no mesmo dia

"Um animal mãe, como uma vaca ou ovelha, não poderás abatê-los, e seu filhote, no mesmo dia."

Hashem nos disse: "Assim como seu Pai no Céu é misericordioso, você também deve sê-lo. Cumprindo esta *mitsvá*, adquire-se o Atributo Divino da Misericórdia, pelo qual sou louvado."

Apesar de parecer que a *mitsvá* origina-se de nobres considerações de misericórdia, não devemos supor que compreendemos sua verdadeira razão. De fato, todas as *mitsvot* são decretos Divinos, muito além da lógica e emoções humanas.

É proibido abater um animal mãe e seu filhote no mesmo dia, independentemente do fato se o animal está destinado a ser um sacrifício ou para uso particular. Contudo, a proibição da *Torá* refere-se apenas a animais domésticos e não a selvagens ou aves.

Antigamente, era costume em *Érets Yisrael* abater animais antes de cada festa – na véspera de *Yom Tov* de *Shemini Atsêret* (ao invés do primeiro dia de *Yom Tov*, pois antes de *Sucot*, estão todos ocupados construindo a *sucá* e adquirindo as Quatro Espécies, deixando pouco tempo para o abate), na véspera de *Pêssach*, de *Shavuot*, e de *Rosh Hashaná*. Assim, havia carne em abundância para as Festas.

Num daqueles dias de abate, um fazendeiro que vendera o animal mãe e seu filhote tinha de chamar a atenção para o fato, relatando-o ao segundo comprador (que adquirira um dos dois) para que não abatesse seu animal no mesmo dia.

Se um animal mãe foi comprado pela família de um noivo, e o filhote pela da noiva, o vendedor deve informar a segunda família do fato, a fim de prevenir os dois animais de serem abatidos no mesmo dia.

Chilul Hashem – Não desonrar o Nome de Hashem

O que é *chilul Hashem*, uma vergonha para o nome de *Hashem*?

Se alguém apontar uma arma para você e ameaçar: "Cometa um pecado ou eu atiro", você deve permitir que atire ou cometer o pecado?

A resposta é que deve-se cometer o pecado, a menos que seja um destes três:

1. Assassinato
2. Adorar ídolos
3. Contrair matrimônio ou manter relações com alguém proibido

A *mitsvá* de preservar a vida está acima de todas as outras *mitsvot*, exceto essas três.

Um judeu que se vê obrigado a transgredir uma das proibições acima deve sacrificar sua vida. Se não o fizer e cometer o pecado, causará *chilul Hashem*. Desonrou o nome de *Hashem*, pois concluiu que não valeria a pena sacrificar sua vida por *Hashem*.

Mais duas transgressões incluem-se na categoria de "profanar o Nome Divino":

- ✓ Se um judeu – mesmo em particular – peca, não porque foi vencido pela tentação, nem porque se beneficia pessoalmente, mas apenas pelo simples propósito de provocar o Criador e desafiar Sua Vontade, profana o Nome dos Céus. (Ele degrada a honra de *Hashem* a seus próprios olhos.)
- ✓ Cada vez que um judeu se comporta de maneira a levar outros judeus a depreciar *Hashem* ou a Sua *Torá*, está fazendo um *chilul Hashem*.

Quanto mais respeitada e conhecida a pessoa, mais zelosamente deve evitar quaisquer atos ou palavras que possam criar falsa impressão, e profanar o Nome de *Hashem* aos olhos de outrem.

Que espécie de atos profana o Nome do Todo Poderoso? Depende do status da pessoa na sociedade.

O grande sábio Rav explicou certa vez: “Se eu comprasse carne no açougue e não pagasse minha conta imediatamente, estaria profanando o Nome do Todo Poderoso.”

Rav era uma pessoa famosa. Se atrasasse o pagamento, o açougueiro poderia suspeitar de que estava tentando esquivar-se do pagamento, e portanto seu respeito por um estudioso da *Torá* diminuiria.

Além disso, o açougueiro imitaria o exemplo, pensando que não precisa ser meticuloso em evitar roubo, se até mesmo uma grande pessoa como Rav tratou a proibição com leviandade.

Rabi Yochanan explicou: “Eu estaria profanando o Nome Divino se alguma vez me vissem andando por aí, e não estivesse empenhado na *Torá*, ou não usando *tefilin*.” (As pessoas não perceberiam que eu não estava me sentindo bem. Por outro lado, concluiriam que o estudo da *Torá* pode não ser tão importante; afinal de contas, se um conhecido sábio como eu não está constantemente ocupado com ela...)

Cada pessoa deve refletir no que pode constituir *chilul Hashem* para ela, de acordo com sua posição na sociedade. Alguém que estuda *Torá* tem uma obrigação maior a esse respeito. Se demonstra mau caráter ou comportamento não-refinado, profana a honra da *Torá*, e conseqüentemente, d'Ele, que a deu para nós.

Se alguém profanar o Nome de *Hashem* e quiser fazer *teshuvá*, como deve proceder?

Deve santificar o Grande Nome da mesma maneira que O profanara anteriormente. Por exemplo, se falou *lashon hará*, causando *chilul Hashem* com os lábios, deve, doravante, usar os lábios para falar palavras de *Torá*. Se utilizou erroneamente os pés para ir a um local onde cometeu algum pecado, deve apressar-se em cumprir *mitsvot*. Se empregou as mãos para o mal, deve colocar *tefilin*, dar *tsedacá*, e assim por diante.

O versículo que proíbe a profanação do Nome de *Hashem* também ordena: “E devo ser santificado no meio de *Benê Yisrael*.” As duas *mitsvot* estão juntas na *Torá* indicando-nos que devemos retificar um *chilul Hashem* com o *kidush Hashem* correspondente.

Kidush Hashem* – Santificar o nome de *Hashem

Se ordenarem a um judeu que cometa assassinato, adore ídolos ou mantenha relações com alguém proibido, do contrário será executado, deve deixar que o matem. Sua morte então trará *kidush Hashem*, santificará o nome de *Hashem*. Sua alma será recompensada no Mundo Vindouro.

Somos todos servos de *Hashem*, e um bom servo deve estar disposto a sacrificar sua vida por seu amo. Cada vez que rezamos o versículo *Shemá Yisrael*, devemos nos lembrar que estamos dispostos a morrer antes de negar que *Hashem* é o único D'us.

Como se sabe, milhares e milhares de judeus, no transcorrer de nossa história, foram mortos por *kidush Hashem*. Destacar determinados mártires para ilustrar esta *mitsvá* seria injustiça para com inúmeros judeus, também em nossa época, que doaram a vida para santificar Seu Santo Nome. Homens, mulheres e mesmo crianças de nossa nação, incomparável em santidade, submeteram-se sem hesitar a horríveis torturas, morte na fogueira, pela espada, e toda sorte de métodos bárbaros e indescritíveis, a negar sua fé em *Hashem*.

Como podemos cumprir esta *mitsvá* atualmente

Há dois aspectos da *mitsvá* de *kidush Hashem* que podemos cumprir em nossa vida cotidiana:

- ✓ Toda pessoa pode santificar o Nome do Todo Poderoso sempre que se defrontar com a escolha de transgredir ou não um mandamento da *Torá*, ou cumprir ou não um mandamento positivo. Quando se abstém de cometer um pecado, ou cumprir uma *mitsvá* positiva, não porque se sente pressionado pelo ambiente ou a fim de receber recompensa; porém apenas por uma razão – pelo amor ao mandamento do Todo Poderoso, sua ação santifica o Nome de *Hashem*. Sempre que um judeu age com esta motivação em mente (mesmo em particular), glorifica o Grande Nome e cumpre a *mitsvá* de *kidush Hashem*.
- ✓ Outra oportunidade de cumprir essa *mitsvá* é comportar-se de tal maneira que os que observam sejam tomados pela grandeza e dignidade de um judeu que foi educado nos caminhos de *Torá*. As atividades diárias de um judeu tornam-se, assim, demonstração da grandeza do Todo Poderoso e Sua *Torá*.

O Rambam (Maimônides) descreve um judeu cuja aparência e conduta representam um verdadeiro *Kidush Hashem* como se segue:

“Se um judeu versado em *Torá* dirige-se aos outros numa maneira gentil e amistosa, recebe-os com semblante aberto e receptivo, não os ofende mesmo se o insultam, honra até os que o tratam levemente, dirige os negócios honestamente; é visto ocupando-se constantemente com *Torá* enquanto veste *talit* e coloca *tefilin*, e se ainda age em relação aos companheiros além do exigido por lei, então este judeu santifica o Nome Divino.”

Nossos Sábios depreendem da *mitsvá* de santificar *Hashem* que para qualquer assunto de santidade é necessário um quorum de dez homens judeus adultos – um *minyan*. Apenas se um *minyan* estiver completo é que lemos a *Torá*, recitamos *Kedushá* (trecho na repetição da *Amidá*), *Cadish*, *Barechu*, *Bircat Cohanim* (a Bênção Sacerdotal) e assim por diante.

As leis dos *Yamim Tovim*

Hashem disse a Moshê: “Fale a *Benê Yisrael* e ensine-lhes as leis dos *Yamim Tovim*.”

Moshê disse a *Benê Yisrael*: “O sétimo dia de cada semana é *Shabat*. Neste dia não deverás fazer nenhum dos trinta e nove tipos de *melachá* (trabalho).

As datas dos *Yamim Tovim* que *Hashem* nos deu também são sagradas. Porém, em *Yom Tov* pode-se executar alguns tipos de *melachá*: preparar e cozinhar alimentos, e carregar pela rua objetos necessários, tarefas estas proibidas no *Shabat*.

“Cada *Yom Tov* é único, portanto deveis trazer *corbanot* especiais ao *Bet Hamicdash*.”

Moshê instituiu que deve-se começar a estudar as leis de cada *Yom Tov* trinta dias antes do começo da Festa, e no próprio *Yom Tov*.

A pessoa deve tornar um hábito familiarizar-se com as leis de *Pêssach* antes de *Pêssach*, com as de *Shavuot* antes da Festa de *Shavuot*, e com as de *Sucot* antes de *Sucot*; bem como estudá-las em *Yom Tov*.

Shabat

Por que a menção do *Shabat* precede a das Festas?

Há uma diferença básica entre *Shabat* e *Yom Tov*.

Enquanto a santidade de cada sétimo dia foi proclamada por D'us no momento da Criação de uma vez por todas, o dia em que ocorria o *Yom Tov* na época do *Bet Hamicdash* variava de ano para ano. O início de um novo mês judaico era determinado pelo Tribunal, dependendo do relato satisfatório de duas testemunhas idôneas, que observaram a aparência da lua nova.

Seguindo esse raciocínio, o início da Festa depende de quando foi *Rosh Chôdesh*, no vigésimo nono ou trigésimo dia do mês lunar. Não só isso, como depende da decisão do Tribunal se o ano terá ou não um mês extra intercalado nos doze regulamentares. *Hashem* garantiu-nos que o dia que for proclamado *Yom Tov* pelo Tribunal também será sancionado por Ele no Céu.

Pode-se pressupor que a profanação do *Yom Tov* poderia ser tomada levemente, pois sua santidade foi colocada em vigor pelo homem. Portanto, a *Torá* o justapõe ao *Shabat*, a fim de ensinar-nos que a profanação de ambos é igualmente proibida.

Quais Festas a *Torá* ordena que observemos?

1. *Pêssach*
2. *Shavuot*
3. *Sucot*
4. *Rosh Hashaná*
5. *Yom Kipur*

Também celebramos *Chanucá* e *Purim*. Estas duas Festas não foram ordenadas pela *Torá*. Foram instituídas mais tarde pelos Sábios, por causa dos acontecimentos que ocorreram posteriormente em nossa história.

As três primeiras – *Pêssach*, *Shavuot* e *Sucot* – recebem o nome de *Shalosh Regalim*, ou seja “As três Festas de peregrinação (a *Yerushaláyim*)”. Em cada uma destas Festas, os homens devem viajar ao *Bet Hamicdash* e oferecer *corbanot*.

Por que *Hashem* nos proibiu de fazer a maior parte dos trabalhos em *Yom Tov*?

A razão, em parte, é que *Hashem* quis nos dar um descanso de nossas tarefas semanais e proporcionar prazer. Existe, porém, uma razão mais profunda. Se nos fosse permitido trabalhar em *Yom Tov*, estaríamos demasiado ocupados para estudar e conversar sobre as razões pelas quais *Hashem* nos deu este *Yom Tov*, e acerca dos grandes milagres que Ele realizou neste dia para os nossos antepassados. Contudo, como nos é proibido quase todo tipo de trabalho, temos tempo para discorrer sobre as grandes maravilhas que *Hashem* fez para o nosso povo. Este é o verdadeiro propósito de *Yom Tov*.

A Festa de *Pêssach*

Moshê disse a *Benê Yisrael*: "Todos os anos na, primavera, guardareis *Pêssach* durante sete dias. Esta Festa vos lembra como tirei vossos antepassados do Egito."

Na época em que o *Bet Hamicdash* existia, os judeus levavam seus cordeiros como *corbanot* de *Pêssach* na tarde da véspera da Festa para o pátio do *Bet Hamicdash*, para sacrificá-los. À noite, cada família comia seu cordeiro com *matsá* e *maror* (ervas amargas). Atualmente, não temos o *corban Pêssach*, mas mesmo assim, comemos *matsá* e *maror* no *Sêder*.

Em *Pêssach*, não podemos comer alimentos que contenham *chamêts* (levedados). O primeiro e sétimo dias de *Pêssach* (fora de *Êrets Yisrael*, também o segundo e oitavo dias) são *Yom Tov*, e não podemos fazer nenhum trabalho proibido nestes dias.

Os cinco dias intermediários de *Pêssach* (fora de *Êrets Yisrael*, quatro) são *Chol Hamoêd*. Quando existia o *Bet Hamicdash*, ofereciam-se sacrifícios especiais de *mussaf* todos os dias de *Chol Hamoêd*. Honramos *Chol Hamoêd* com comidas e roupas especiais, e limitando nossos afazeres às tarefas permitidas nesses dias.

Minchat Haômer – a oferenda comunitária de cevada no segundo dia de Pêssach

Além dos sacrifícios de *mussaf* de *Yom Tov*, a 16 de *Nissan*, segundo dia de *Pêssach*, uma oferenda de *ômer* era levada.

Consistia de um *ômer* (medida equivalente a cerca de dois quilos e meio) de farinha de cevada que era misturada com óleo e incenso. Era acompanhada de um carneiro oferecido como sacrifício de *olá*.

Os preparativos para a obtenção do *ômer* de farinha de cevada eram conduzidos com grande júbilo e com a participação do público em honra à *mitsvá*.

Na véspera de *Pêssach*, os delegados do Tribunal visitavam o campo do qual a cevada para o *ômer* seria colhida. Amarravam as espigas em feixes, a fim de facilitar o corte após *Yom Tov*.

Em *motsaê Yom Tov*, na noite seguinte ao primeiro dia de *Yom Tov*, todos os habitantes da área juntavam-se, para estar presentes ao corte da cevada. Criavam uma grande comoção, para divulgar a *mitsvá*.

Três judeus eram escolhidos como ceifadores. Anualmente, os ceifadores seguiam o ritual de perguntarem a todos os presentes, ao cair da noite:

"O sol já se pôs?" (A *mitsvá* tinha início ao anoitecer.)

"Sim", respondiam os presentes.

"O sol já se pôs?" repetia o coletor.

"Sim."

"O sol já se pôs?" perguntavam pela terceira vez.

"Sim", repetia a multidão.

Então, cada um dos cortadores perguntava:

"Devo ceifar com esta foice?"

"Sim", respondia o povo.

"Devo ceifar com esta foice?" cada questão e a respectiva resposta era repetida três vezes.

"Devo pôr a colheita nesta cesta?" perguntavam os ceifadores.

"Sim", respondia o povo, e sucessivamente, por três vezes.

Se fosse *Shabat*, os ceifadores perguntavam:

"Hoje é *Shabat*?" (Ou seja: "Devo ceifar, mesmo no *Shabat*?")

"Sim", respondiam (pois a ceifa do *ômer* superava a proibição do *Shabat*).

Também repetiam esta pergunta três vezes, e finalmente cada ceifador perguntava:

"Devo ceifar agora?"

"Sim", era a resposta.

"Devo ceifar agora?" etc.

Quão magnífico era testemunhar como os judeus se juntavam, esmerando-se em engrandecer a *mitsvá*!

Hashem disse a *Benê Yisrael*: "Oferecendo-Me o *ômer* de cevada, os grãos da colheita de seus campos serão abençoados!"

Esta oferenda era trazida em *Pêssach*, porque *Pêssach* é a época em que a Corte Celestial julga a colheita de grãos para o ano inteiro.

Hashem disse ao povo: "Espero que Me retribuam apenas uma ínfima fração do que concedo a vocês. No deserto, apesar de ter suprido cada membro de família com um *ômer* de *man* diariamente, não pedi que cada indivíduo trouxesse um *ômer* de cevada como retribuição. A nação inteira oferece um único *ômer*!"

Ceifava-se três *seá* (cerca de oito quilos) de cevada a fim de obter um *ômer* (cerca de dois quilos e meio) de farinha peneirada pura. Após a colheita, a cevada era levada ao pátio do *Bet Hamicdash*, debulhada, os grãos tostados no fogo, moídos e peneirados treze vezes, para obter uma farinha absolutamente pura.

O *cohen* misturava o *ômer* de farinha com óleo, preparando-o da maneira prescrita à oferenda de *minchá*.

Realizava então a cerimônia do balançar (*tenufá*). Balançava a frigideira contendo a oferenda aos quatro pontos cardeais, e para cima e para baixo.

A cerimônia do balançar simboliza nossa aceitação da autoridade de *Hashem*. Ao balançar a oferenda para frente e para trás, declaramos e asseveramos que o mundo é d'Ele; balançando-a para cima e para baixo, declaramos que Ele é o Senhor sobre as esferas superiores e inferiores.

Além disso, como recompensa por balançá-la em todas as direções, *Hashem* protege a colheita de maus ventos das quatro direções, e por balançá-la para cima e para baixo, do orvalho prejudicial vindo de cima.

Em seguida, o *cohen* toma uma mancha (*comets*) da massa, salga-a e a queima sobre o Altar. O remanescente era comido pelos *cohanim*, no perímetro do pátio do Templo.

Apesar de não podermos oferecer um *corban ômer* após a destruição do *Bet Hamicdash*, o mérito de estudarmos as respectivas leis equivale a realmente elevarmos a oferenda sobre o Altar.

Chadash – A proibição de comer da nova colheita antes da oferenda do ômer

Se um judeu, na época do *Bet Hamicdash*, quisesse comer dos novos grãos colhidos na primavera, ele teria de esperar até que se oferecesse o *corban ômer* (o que acontecia no segundo dia de *Pêssach*).

Não seria correto se um judeu comesse da nova colheita antes de fazer uma oferenda a *Hashem*. Assim que o *corban ômer* fosse oferecido, os judeus já poderiam comer o pão assado com a nova farinha.

Atualmente, também devemos esperar até 16 de *Nissan*, o dia que se oferecia o *ômer*, antes de comer os novos grãos.

Sefirat Haômer – A mitsvá de contar sete semanas desde o dia em que se oferecia o ômer

Todo judeu, onde quer que viva, tem a *mitsvá* de contar sete semanas a partir da noite de 16 de *Nissan*. É *mitsvá* contar tanto os dias quanto as semanas. Contamos da seguinte forma:

Hoje é o primeiro dia da Contagem do *Ômer*.

Hoje é o segundo dia da Contagem do *Ômer*.

Hoje é o terceiro dia da Contagem do *Ômer*.

E assim sucessivamente até chegar ao sétimo dia, quando passamos a contar assim: Hoje é o sétimo dia, que perfaz uma semana do *ômer*. E continuamos até chegar ao 49º, o dia anterior a *Shavuot*.

Por que *Hashem* nos ordenou a *mitsvá* de contar o *ômer*?

Para o povo judeu, nada é mais importante que a *Torá*. A principal razão pela qual *Hashem* tirou *Benê Yisrael* do Egito foi exatamente para outorgar-lhes a *Torá*. Desde que *Benê Yisrael* saíram do Egito, esperaram impacientes por este acontecimento, *Matan Torá*. Quando estamos esperando algum acontecimento especial, contamos os dias que faltam, ainda mais quando se trata do recebimento de um presente maravilhoso.

Existe outra razão para a Contagem do *Ômer*. No Egito, muitos de *Benê Yisrael* adoravam ídolos. Desceram até o 49º grau de impureza. Ao saírem do Egito, os judeus se esforçaram diligentemente para livrarem-se de seus hábitos idólatras, e para santificarem-se. Foram elevando-se durante 49 dias, até alcançarem santidade suficiente para merecerem a *Torá*. Nesta época do ano, também devemos esforçar-nos para nos aprimorar. Devemos perguntar-nos: "O que mais posso fazer para aproximar-me da *Torá*?"

Por que contamos o ômer a partir do segundo dia de Pêssach?

Poderíamos perguntar: Por que começamos a contar a partir do segundo dia de *Pêssach*, e não do primeiro, o dia em que saímos do Egito? Há duas respostas possíveis:

1. No primeiro dia de *Yom Tov* estamos ocupados com as *mitsvot* de *Pêssach*, que nos recordam o Êxodo do Egito. Estas *mitsvot* tão importantes requerem toda a nossa atenção. *Hashem* não quis confundir-nos, ordenando-nos outra *mitsvá*. Ele esperou mais um dia.

2. *Benê Yisrael* saíram do Egito no primeiro dia de *Pêssach*, porém, numa parte deste dia, ainda estavam no Egito. *Hashem* queria que contássemos 49 dias completos desde a saída do Egito.

Contamos de *Pêssach*, época da redenção da escravidão física do Egito, até a Outorga da *Torá*, para demonstrar que a redenção espiritual conseguida através do estudo de *Torá* e cumprimento das *mitsvot* é considerada até de maior importância que a libertação física.

Rabi Aba e *Rabi* Chiyá estavam andando no caminho e discorrendo sobre assuntos de *Torá*.

Rabi Chiyá perguntou ao colega: "A *Torá* ordena contar sete semanas. Qual o significado desta contagem?"

Rabi Aba replicou: "No Êxodo, o povo judeu era como uma noiva que estava *nidá* (impura) e precisava purificar-se para seu marido. Correspondendo aos sete dias que ela conta, o povo contou sete semanas. No dia da Outorga da *Torá*, estavam livres da impureza espiritual do Egito, e prontos a casarem-se com *Hashem* no Monte Sinai."

Um Sábio também deve purificar-se durante estas sete semanas, para que na noite de *Shavuot* esteja pronto para receber a *Torá* com a maior devoção e apego a *Hashem*.

A Festa de Shavuot

Moshê ordenou a *Benê Yisrael*: "No quinquagésimo dia da contagem guardareis a Festa de *Shavuot*."

A *Torá* foi outorgada sete semanas após a redenção do Egito. Foi dada em *Shabat*, o sétimo e mais sagrado dia da semana.

Honramos *Shavuot* não realizando nenhum trabalho proibido, e fazendo refeições festivas.

Na época do *Bet Hamicdash*, levava-se uma oferenda especial em *Shavuot*, os *shete halêchem* (dois pães).

Os dois pães eram preparados com o primeiro trigo da nova colheita.

Hashem disse: "Pelo vosso mérito de Me oferecerdes um *corban* de trigo, abençoarei vossos frutos."

Os dois pães não eram colocados sobre o Altar, mas repartidos entre os *cohanim*. A massa dos pães podia fermentar e tornar-se *chamêts*. Isto era uma exceção, pois a massa dos demais *corbanot* não podia fermentar.

Após os dois pães serem oferecidos, os demais *corbanot* dos novos grãos também podiam ser ofertados.

Os devotos não dormem na noite de *Shavuot*. Em vez disso, ocupam-se da *Torá*.

Rabi Shim'on costumava estudar *Torá* a noite inteira, chamando-a de noite em que a noiva é trazida ao noivo.

Rabi Shim'on disse ao sábio que estudava com ele: "Quão afortunado é seu quinhão! A noiva não entra na *chupá* sem você. Quem quer que adorne a noiva nesta noite e se rejubile com ela é inscrito no Livro das Memórias de *Hashem*; é abençoado com sete bênçãos Divinas (*sheva berachot*), e coroas de esferas superiores. Que cada um de nós explique novos conceitos de *Torá*, adornando assim a noiva com ornamentos."

Por que é costume ficar acordado em *Shavuot*?

O *Midrash* relata que *Benê Yisrael* dormiram demais na manhã da Outorga da *Torá*. *Hashem* acordou-os com raios e trovões, e Moshê os levou ao Monte Sinai. Ao ficarmos acordados na noite que precede *Matan Torá*, demonstramos que ansiamos pela dádiva da *Torá*.

Em cada *Shavuot* o sábio *Rabi Yossef* dizia aos membros de sua casa: "Preparem uma refeição especial para mim! Se não fosse por *Matan Torá*, eu não seria ninguém, a não ser mais um dos muitos "Yossefs" pela rua!"

A *Torá* chama *Shavuot* "a Festa do quinquagésimo dia após a oferenda do ômer" (23:16).

"*Shavuot*" (*Devarim* 16:9), significa "a Festa das Semanas", pois contamos sete semanas desde a oferenda do ômer; e "Festa da Colheita" (*Shemot* 23:16), pois a festa ocorre na época da colheita. Também é denominado "*Chag Habicurim* – Festa das Primícias", significando que nela, o *shete halêchem*, o primeiro pão da nova colheita de trigo era elevado sobre o Altar.

Apesar de *Shavuot* ser a época da outorga dos Dez Mandamentos, a *Torá* não chama *Shavuot* de "*Yom Tov de Matan Torá*", tampouco nos ordena alguma *mitsvá* especial de *Shavuot* que nos recorde a Outorga da *Torá*. Uma razão é que um judeu não deve levar a *Torá* a sério apenas uma vez por ano, mas sim observar a *Torá* cada e todos os dias do ano.

Quando vamos à sinagoga na manhã de *Shavuot*, escutamos na leitura da *Torá* que *Benê Yisrael* receberam a *Torá* no Monte Sinai. Ficamos de pé e escutamos a leitura dos Dez Mandamentos respeitosamente. *Hashem* considera isto como se estivéssemos naquele instante no Sinai na Outorga da *Torá*.

A festa de Rosh Hashaná, o começo do novo ano

Moshê explicou a *Benê Yisrael*: "Todos os anos, no primeiro dia de *Tishrei*, guardareis o *Yom Tov*. Tocareis o *shofar* e recitareis versículos declarando que *Hashem* é vosso Rei."

Este *Yom Tov* é chamado de *Rosh Hashaná*. Observamos *Rosh Hashaná* por dois dias, no dia um e dois de *Tishrei*. *Rosh Hashaná* é o dia em que *Hashem* julga tanto o povo judeu quanto todas as nações do mundo.

Rosh Hashaná é diferente das demais Festas. Em *Pêssach*, *Shavuot* e *Sucot* estamos cheios de júbilo. Em *Rosh Hashaná*, todavia, sentimo-nos temerosos, pois *Hashem* abre o Livro da Vida. Ele nos julga a todos. Nossos Sábios nos ensinaram a nos alegrarmos, fazer refeições festivas e vestir roupas especiais. Nosso temor do julgamento de *Hashem* é mesclado de júbilo. Temos confiança de que *Hashem* nos julgará com misericórdia.

Por que *Hashem* nos ordenou tocar o *shofar* em *Rosh Hashaná*?

1. O *shofar* tem a mesma função do despertador. Quando alguém está dormindo sob as cobertas e ouve o "*trim*" do despertador, pula para fora da cama. "É hora de se levantar!" Assim também é despertado pelo som do *shofar*. "É *Rosh Hashaná*, o dia do julgamento! Acordem, vós que dormis! Fazei *teshuvá* agora!" *Hashem* nos ordenou tocar o *shofar* em *Rosh Hashaná* para lembrarmos que devemos fazer *teshuvá*.

2. O *shofar* é feito de chifre de carneiro. Ele nos recorda o sacrifício de Yitschac no Monte Moriyá, onde Avraham estava pronto a sacrificá-lo. Ao invés disto, acabou sacrificando um carneiro. Ao tocarmos o *shofar*, rogamos a *Hashem*: "Por favor, lembra-Te do sacrifício de Yitschac. Também estamos dispostos a dar nossas vidas por Ti, como nossos antepassados o fizeram. Pelo seu mérito, sê indulgente conosco!"

O sacrifício de Yitschac ocorreu no primeiro dia de *Tishrei*. Assim, recordamos este mérito em *Rosh Hashaná*.

Yom Kipur

Moshê disse aos judeus: "No décimo dia de *Tishrei*, guardareis um *Yom Tov* diferente. Neste dia, não podereis comer nem beber, nem cozinhar ou carregar objetos pela rua como fazeis nas demais Festas. Além disto, todos os trabalhos proibidos no *Shabat* também são proibidos neste dia. Este *Yom Tov* é *Yom Kipur*, o Dia do Perdão. Neste dia, *Hashem* perdoará vossos pecados."

Por que *Hashem* escolheu dez de *Tishrei* para perdoar nossos pecados?

O número dez é especial. Recorda-nos das dez provas com as quais *Hashem* testou Avraham, e ele passou com êxito. Este mérito nos ajuda em *Yom Kipur*. *Hashem* também lembra o nosso mérito de ter aceitado os Dez Mandamentos no Monte Sinai.

Em *Yom Kipur*, *Hashem* nos deu as segundas tábuas e disse: "Perdoei *Benê Yisrael* pelo pecado do bezerro de ouro." Com esse perdão, *Hashem* transformou *Yom Kipur* num dia de perdão para todas as gerações.

Apesar de não podermos comer nem beber em *Yom Kipur*, é um *Yom Tov*. Nossos Sábios nos ensinaram: "O maior *Yom Tov* na antiguidade era *Yom Kipur*. Os judeus sentiam-se jubilosos, pois sabiam que neste dia *Hashem* perdoaria seus pecados."

A Festa de Sucot

Moshê disse a *Benê Yisrael*: "No dia quinze de *Tishrei* celebrareis *Sucot* por sete dias." Fora de *Êrets Yisrael*, *Sucot* dura oito dias.

Apesar de ser uma *mitsvá* alegrar-se em todas as Festas, *Sucot* é a mais alegre de todas. Há duas razões:

1. *Sucot* vem logo após *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*, os dias de *teshuvá* e arrependimento. Depois de fazer *teshuvá* nestes dias, nossos corações estão alegres, pois nossos pecados foram perdoados.

2. Antigamente, quando *Benê Yisrael* eram um povo agrícola em *Êrets Yisrael*, não eram completamente felizes em *Pêssach*. Tinham acabado de semear o trigo, e estavam preocupados, pois não sabiam se os resultados da colheita seriam bons ou não. O trigo era o principal alimento durante o ano todo; se a colheita falhasse, não haveria alimento suficiente. Em *Shavuot* o trigo era colhido, e os agricultores ficavam aliviados. Não estavam, porém, completamente felizes. Os frutos das árvores e vinhas ainda não haviam amadurecido. Talvez a colheita fosse parca.

Finalmente, chegava *Sucot*. Os camponeses já haviam abastecido seus silos e celeiros de abundantes frutos, e colhido os cereais dos campos. Estavam preparados para enfrentar o longo inverno. Agora sim, podiam sentir-se completamente alegres e felizes.

A mitsvá de morar em cabanas, sucot

Hashem nos ordenou: "Durante os sete dias de *Sucot*, deveis habitar em *sucot*."

A *Torá* ordena que cada homem judeu transfira a base de sua moradia de sua casa para a *sucá* por todos os sete dias da Festa. Durante este tempo, a *sucá* se torna sua residência permanente, e a casa, a temporária.

Para que uma *sucá* não se pareça com uma casa, não pode haver nada sólido que a proteja da chuva. Pelo contrário, deve ser coberta por *sechach* (ramos), espaçados entre si.

É *mitsvá*, porém, tornar a *sucá* habitável como a própria casa, portanto, deve-se colocar na *sucá* louça fina, bem como outros artigos domésticos, e estender uma toalha de mesa bonita.

Por que *Hashem* quer que moremos em *sucot* durante esta Festa?

A *Torá* explica: "Em *sucot* habitareis, para que vossas gerações saibam que Eu, *Hashem*, coloquei *Benê Yisrael* em *sucot* quando vos tirei do Egito."

Em que espécie de *sucá* os judeus habitaram no deserto?

1. *Rabi Akiva* explicou que os judeus construíram cabanas portáteis de madeira, nas quais viveram no deserto.

2. Segundo outra opinião, as "*sucot*" a que a *Torá* se refere não eram cabanas de madeira, mas as Nuvens de Glória com as quais o Todo Poderoso rodeou *Benê Yisrael*, protegendo-os dos inimigos e perigos à sua volta, e do sol escaldante do deserto. Esta é a opinião aceita.

Portanto, fomos ordenados a habitar em *sucot* neste *Yom Tov* para lembrar os portentosos milagres que o Todo Poderoso realizou no deserto para nossa nação, protegendo nossos ancestrais com as Nuvens de Glória.

Rabi Akiva sustentava que a *Torá* enfatiza a grandeza da geração do deserto. Uma enorme população consistindo de homens, mulheres e crianças seguiu Moshê sem hesitar a uma terra de ninguém, desprovida de qualquer vegetação, e habitada por serpentes, escorpiões e feras. Não habitavam em bairros residenciais, porém tiveram de erguer cabanas para si. Contudo, seguiram a liderança de Moshê durante quarenta anos. Nós também somos ordenados a habitar em cabanas de madeira, a fim de aprendermos a adotar uma atitude de confiança total em *Hashem*, exatamente como fizeram nossos ancestrais.

Aparentemente o *Yom Tov* de *Sucot* deveria ser comemorado após *Pêssach*, na primavera, quando os eventos do Êxodo realmente ocorreram.

Não obstante, a *Torá* coloca propositadamente esta Festa no início da estação fria. Se *Sucot* fosse em *Nissan* ou *Iyar*, poderíamos supor que a família estivesse se mudando para o ar livre a fim de aproveitar o clima ameno e agradável. Da maneira como realmente é, as crianças perguntarão o motivo da *mitsvá*.

Os ushpizin – visitantes celestiais

Segundo a tradição cabalista, somos visitados na *sucá* pelos sete *ushpizin* (convidados) celestiais: Avraham Yitschac, Yaacov, Moshê, Aharon, Yossef e David. Em cada um dos sete dias da Festa, um dos *ushpizin* (na ordem acima) lidera o grupo.

A *Cabalá* ensina que a *Shechiná* estende Suas asas sobre o judeu que se senta na *Sucá*. Depois que entra, visitantes celestiais (chamados de *ushpizin*) também entram para compartilhar a morada Divina com ele.

Conta-se que *Rabi Hamnuna*, o velho, costumava entrar na *sucá* com espírito alegre e elevado. Uma vez dentro, levantava-se, dirigia-se à entrada e dizia: "Convidemos as visitas celestiais!"

Quando a mesa estava posta e já recitara a bênção de "*leshev bassucá*", exclamava: "Sentem-se, visitantes celestiais, acomodem-se!"

Antes de comer, erguia as mãos alegremente e anunciava: "Quão afortunado é nosso quinhão, e quão feliz e afortunado é todo o povo judeu, cuja porção é *Hashem*!"

A fim de agradar os visitantes celestiais um judeu também deve alegrar os pobres neste *Yom Tov*, convidando-os às refeições, ou dando-lhes uma considerável doação antes da Festa.

Se, enquanto convida as visitas celestiais à sua *sucá*, não compartilhar com os pobres da terra, a mesa que ele arruma na *sucá* não é a mesa do Todo Poderoso, e não merece a presença dos seres celestiais.

Cada um é obrigado a dar conforme suas possibilidades, como está escrito: "Todo homem deve dar como puder, de acordo com a bênção de *Hashem*, teu D'us, conforme Ele te deu" (*Devarim* 15:17). Que não diga: "Primeiro, comprarei supérfluos para mim, então verei o que sobra para os pobres", mas sim, que faça seu orçamento incluindo os pobres em suas despesas de *Yom Tov*. Se alegra os pobres, o Todo Poderoso alegra-Se com ele.

Arbaá Minim – As Quatro Espécies

Moshê disse a *Benê Yisrael*: "Em *Sucot*, é *mitsvá* segurar as Quatro Espécies de plantas: *etrog* (fruta cítrica), *lulav* (ramo de tâmara), *hadassim* (murta) e *aravot* (salgueiro)."

Na época do *Bet Hamicdash*, estas espécies eram tomadas todo dia por sete dias (pelos *cohanim* e visitantes no *Bet Hamicdash*). Contudo, fora do *Bet Hamicdash*, de acordo com a Lei da *Torá*, eram tomadas apenas no primeiro dia de *Sucot*.

Após a destruição do Templo, *Rabi Yochanan* instituiu que os judeus tomassem as Quatro Espécies todos os dias de *Sucot* por sete dias, em memória ao *Bet Hamicdash*.

No *Bet Hamicdash*, o *cohen* costumava circular o Altar uma vez ao dia com as Quatro Espécies na mão, exclamando: "*Ana, Hashem, hoshia na!* / Por favor, *Hashem*, por favor, salve!" No sétimo dia, *Yom Tov*, circulavam o Altar sete vezes como sinal de despedida, louvando-O por proporcionar-lhes expiação.

Por que fomos ordenados a pegar Quatro Espécies em *Sucot*? Eis alguns motivos dados pelos Sábios:

1. Em *Sucot* o Todo Poderoso determina quanta chuva descerá no ano vindouro.

Hashem diz: "Ordenei-te pegar as Quatro Espécies a fim de te garantir méritos, para que haja chuvas abundantes durante o ano."

Como usamos para uma *mitsvá* estas Quatro Espécies que necessitam de muita água, *Hashem* nos garante abundante suprimento de chuvas.

2. As Quatro Espécies também representam os quatro segmentos de *Benê Yisrael*.

✓ O *etrog* é comestível e tem cheiro agradável, correspondendo ao judeu que tem tanto conhecimento de *Torá* quanto *mitsvot*.

✓ O *lulav* brota da palmeira frutífera, porém ele próprio não tem cheiro doce. Representa o judeu que estuda *Torá* mas não cumpre as *mitsvot*.

✓ O *hadassim* exala um odor fragrante, contudo não é comestível, semelhante ao judeu que cumpre as *mitsvot*, mas lhe falta conhecimento de *Torá*.

✓ Os *aravot* não são comestíveis nem exalam aroma agradável. São comparados ao judeu desprovido de *Torá* e *mitsvot* (mas que ainda está ligado à comunidade judaica).

Hashem disse: "Que os quatro segmentos juntem-se em união, assim um pode complementar o outro!"

Quando alguém despende grande soma de dinheiro para adquirir um jogo das Quatro Espécies *casher* e belo, não deve pensar que por causa disso incorrerá em perda; na verdade, ganhou. Isto é verdade, com duplo sentido:

Primeiro, a pessoa que gasta dinheiro na verdade não o gasta para si, pois no final terá de deixá-lo para trás. A *Torá* e *mitsvot* que adquire, no entanto, permanecem eternamente suas.

Além disso, o dinheiro extra que um judeu despende em honra ao *Shabat*, *Yom Tov*, *Rosh Chôdesh*; ou na educação judaica autêntica e estudo de *Torá* dos filhos lhe é restituído pelo Céu.

Hashem disse: "No Egito, Eu te ordenei pegar um ramo da erva *ezov* e mergulhá-lo no sangue do sacrifício de *Pêssach* (*Shemot* 12:22). Quanto você gastou para comprar o *ezov*? É uma erva que não custa quase nada. E o que recebeu em troca? Os despojos do Mar Vermelho!

"Se um judeu gasta uma quantia substancial para adquirir um *etrog* e *lulav*, quanto mais não receberá em troca?!"

A Festa de *Shemini Atsêret*

Sucot dura sete dias. O oitavo dia é um *Yom Tov* novo, diferente, chamado *Shemini Atsêret*. (Fora de *Êrets Yisrael*, acrescenta-se um nono dia, *Simchat Torá*). Por que *Hashem* acrescentou um dia de *Yom Tov* a *Sucot*? A resposta nos vem através de uma parábola.

O rei que não permitia que seus filhos partissem

Havia um rei que via muito pouco os seus filhos, pois estes moravam muito longe. De vez em quando, convidava-os para a uma reunião familiar para passar algum tempo em sua companhia.

Certa vez, convidou os filhos a uma festa que durou sete dias. Comeram, beberam e passaram horas conversando. Todos aproveitaram bastante o encontro. Ao terminarem os sete dias, o pai perguntou aos filhos: "Quando vocês poderão voltar para a próxima reunião familiar?"

"Dentro de cinquenta dias", responderam. O pai ficou satisfeito e deixou-os partir.

Cinquenta dias depois, celebraram o reencontro no palácio. Foi uma breve reunião, e ao final do dia os filhos tiveram de partir. Novamente, o pai perguntou: "Quando vocês poderão voltar para me ver?"

Pensaram um pouco e responderam: "Daqui a quatro meses."

"Isto é muito tempo! Portanto, quando vocês voltarem celebraremos uma festa de sete dias!"

Ao final de quatro meses os filhos voltaram, como haviam prometido. Celebraram a esplêndida reunião em família com uma festa que durou sete dias. Quando estavam prestes a partir, o pai perguntou-lhes: "Quando voltarei a vê-los?" Os filhos pensaram e responderam: "Só poderemos voltar a nos ver em seis ou sete meses. A próxima reunião terá de esperar até lá."

"Tanto tempo assim?" perguntou o rei, desolado. "Como poderei deixá-los partir, sabendo que só voltarei a ver vocês daqui a seis meses? Por favor, fiquem mais um dia. Mandarei que os criados preparem mais comida. Aproveitemos mais este dia!"

Os filhos concordaram em ficar, pois sabiam que a separação seria longa.

A lição da parábola

Em *Pêssach*, *Benê Yisrael* viajavam em peregrinação ao *Bet Hamicdash*, e ficavam em *Yerushaláyim* com seu "Pai, o Rei" por sete dias.

Hashem pede-lhes que voltem cinquenta dias depois, em *Shavuot*.

Eles voltam ao *Bet Hamicdash* quatro meses depois, em *Sucot*. Porém, depois de *Sucot* não há nenhum *Yom Tov* até meio ano mais tarde. (Nos anos bissextos, sete meses.) *Hashem* dispôs o calendário assim de propósito, a fim de evitar que os judeus viajassem no inverno, quando chove e faz frio.

Em troca, *Hashem* acrescenta mais um *Yom Tov* depois de *Sucot*, *Shemini Atsêret*, que dura um único dia. *Shemini Atsêret* significa "reter o oitavo dia". No oitavo dia de *Sucot*, *Hashem* nos detém no *Bet Hamicdash* mais um dia, demonstrando-nos o quanto Ele nos ama. *Hashem* age como um pai, para quem é difícil se separar de seus filhos e pede-lhes que fiquem mais um dia, pois a separação a seguir será muito demorada.

Infelizmente, hoje já não podemos estar no *Bet Hamicdash* em *Yom Tov*. Não podemos honrar *Shemini Atsêret* com *corbanot* especiais deste dia. Mas guardamos a santidade de *Yom Tov* não fazendo trabalhos proibidos, comendo alimentos especiais, vestindo roupas festivas e recitando orações específicas.

***Hamecael* – o filho do egípcio que blasfemou contra o Nome Divino**

O episódio do blasfemador ocorreu durante o primeiro ano em que *Benê Yisrael* estavam no deserto.

Dentre os judeus havia um de origem egípcia. Sua mãe era Shelomit *bat* Divri, a única mulher judia a submeter-se a um egípcio; não de propósito, mas na errônea suposição de que era seu marido. Contudo, era um infortúnio.

Ela era bem falante. Assim, enquanto ainda no Egito, o supervisor egípcio chegou certa manhã para buscar seu marido para o trabalho, e ela sorriu e cumprimentou-o. Isto encorajou-o a retornar após seu marido ter ido trabalhar, para satisfazer seus desejos vis.

O marido de Shelomit percebeu o supervisor deixando sua casa e compreendeu o que havia feito. Temendo que o fato se tornasse público, o egípcio em seguida tentou silenciar o marido de Shelomit para sempre, chicoteando-o no trabalho com golpes tão violentos que logo lhe causaram a morte.

Quando Moshê estava inspecionando os campos de trabalho egípcios, ficou chocado em ver o supervisor egípcio maltratar o judeu mortalmente. Decidiu fazer justiça, a fim de santificar o Nome de *Hashem*. Golpeou o egípcio com a morte, pronunciando o Nome Divino.

Agora, o filho de Shelomit, cujo pai era egípcio, provou que herdara o caráter perverso do pai. A fim de provocar *Benê Yisrael*, começou a ridicularizar os ensinamentos de Moshê.

O final desta *Parashá* relata como Moshê instruíra o povo nas leis dos *Lêchem Hapanim* (pães da proposição), explicando que deveriam ser assados toda sexta-feira, e colocados na Mesa sagrada (*Shulchan*) até o *Shabat* seguinte, e então distribuído entre os *cohanim*.

"Será que é apropriado que num Santuário, o palácio do Rei, o pão seja distribuído nove dias após assado, quando já está rançoso?" zombou o filho do egípcio.

De fato, *Hashem* ordenou de propósito que o pão não fosse removido da Mesa até o *Shabat* seguinte, a fim de demonstrar Sua preocupação e zelo com *Benê Yisrael*. Um milagre revelado mantinha os pães frescos e quentinhos por nove dias no *Mishcan* e no *Bet Hamicdash*. Não obstante, esse perverso não acreditava no milagre.

Um dia, o filho do egípcio decidiu mudar-se para a seção da tribo de Dan. Assim que colocou lá sua tenda, um judeu dirigiu-se a ele e perguntou: "Quem lhe deu o direito de acampar sob nosso estandarte?"

"Minha mãe é da tribo de Dan", respondeu o filho do egípcio.

"A ordem do acampamento depende da linhagem paterna", disse o judeu. "Você não pertence a este lugar."

"Pertencço", desafiou o filho do egípcio.

"Consultemos o tribunal de Moshê para sabermos quem tem razão", sugeriu o judeu.

Quando os membros do tribunal escutaram a contenda, legislaram que o judeu tinha razão. Todas as tribos acampavam de acordo com a ordem tradicionalmente estabelecida pelo patriarca Yaacov, e sua linhagem determinada de acordo com a ancestralidade paterna.

O filho do egípcio perguntou em fúria: "E quem é meu pai?"

"Você sabe, o egípcio que Moshê matou", disseram-lhe.

"Então ele o matou? Como fez isso?"

"Meramente pronunciou o Tetragrama Divino, e seu pai caiu morto."

Quando o filho do egípcio ouviu isto, pronunciou o mesmo Nome, blasfemando e amaldiçoando-O.

Foi imediatamente levado a Moshê para punição. Moshê consultou o Todo Poderoso se deveria ou não ser-lhe imputada pena capital. Entrementes, prendeu o homem.

Hashem instruiu Moshê a apedrejar o filho do egípcio, acrescentando: "Esta é a lei para todas as gerações: Um judeu que pronuncia o Nome Divino de Quatro Letras e blasfema incorre em pena capital por apedrejamento."

Ele não foi executado como um ato de vingança por ter provocado um judeu de nascimento; mas somente para cumprir o mandamento Divino.

A remoção do blasfemador deste mundo apaga o temido *chilul Hashem* (profanação do Nome Divino) que causara.

Por que está discussão irrompeu agora e por que foi registrada nesta *Parashá*?

Uma das razões é, simplesmente, porque ambos os assuntos estão interligados. Após ensinar a *Benê Yisrael* sobre as Festas, Moshê explicou como acende-se a *Menorá* e qual o procedimento para colocação e retirada dos pães sagrados do *Mishcan*. Como já relatado, este indivíduo ridicularizou esta *mitsvá*.

Outra explicação associa este fato ao início da *Parashá*:

O marido de Shelomit era o perverso Datan. Datan fará parte dos indivíduos que se associarão a Côrach e iniciarão uma revolta contestando a liderança de Moshê. Exigiram que Moshê extinguisse qualquer distinção entre os diferentes níveis de judeus. (Este episódio será relatado no próximo livro da *Torá*, *Bamidbar* na *Parashá* de Côrach.)

Datan considerava-se um *cohen* e propunha que cada judeu pudesse transformar-se num *Cohen Gadol*. Quando Moshê ensinou, no começo desta *Parashá*, que os *cohanim* estão proibidos de casarem-se com uma *zoná* (uma mulher que manteve relações proibidas), Datan, o suposto *cohen*, separou-se de sua esposa e foi morar sozinho. Normalmente, um filho segue a linhagem do pai e vive no acampamento destinado à sua tribo. Porém, como Datan não era seu verdadeiro pai, decidiu morar com sua mãe na tribo de Dan. Os membros da

tribo de Dan perceberam que havia algo de errado e após investigarem o assunto, recusaram-se a permitir que ele se estabelecesse lá. Assim teve início o episódio acima descrito.